

Banda Sinfónica Portuguesa

13 Nov 2022
12:00 Sala Suggia

José Rafael Pascual Vilaplana direcção musical
Vincent David saxofone

“Ventos Americanos”

Eric Whitacre

Cloudburst (1995, c.8min)

Vincent David

Reflets (2014; c.22min)*

1. Ouverture — Danse du Miroir
2. Réflexions
3. Scintillement

Franco Cesarini

Sinfonia n.º 3, “Urban Landscapes” (2020; c.27min)*

1. The Wrigley Building from Dawn to Noon
2. Blue Silhouette
3. Cloud Gates

*Estreia nacional.

Eric Whitacre

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1970

Cloudburst

Depois de uma interpretação de *Go, Lovely Rose* em 1991, Jocelyn K. Jensen abordou-me acerca da escrita de uma peça para o coro da sua escola secundária. É uma maestrina notável, conhecida por fazer coisas loucas em palco (coreografia coral, iluminação, figurinos e por aí adiante), e eu quis escrever algo para ela que realmente surpreendesse o público. Pouco tempo antes, tinham-me oferecido um livro de deliciosos poemas de Octavio Paz e, na mesma altura, testemunhei uma verdadeira e espantosa tempestade de areia no deserto — julgo que simplesmente tudo se alinhou. O estalar de dedos (todos os cantores estalam os dedos para imitar a chuva) é uma adaptação minha de um antigo jogo à volta da fogueira; as folhas dos trovões eram pedaços gigantes de latão que arranjá-mos perto da escola.

A obra tinha originalmente dez minutos de duração, mas Jo-Michael Scheibe convenceu-me sabiamente a “comprimi-la”. Fi-lo e a peça (agora com uns reduzidos oito minutos e meio) foi finalmente publicada em 1995.

ERIC WHITACRE

Vincent David

FRANÇA, 1974

Reflets (Concerto para saxofone alto e banda)

Esta peça resulta de uma combinação de circunstâncias. Quando estava em tournée nos Estados Unidos da América, num mês de Novembro, fui contactado pela orquestra da Navy Band para tocar em Janeiro seguinte. Estava então na minha primeira fase enquanto compositor, pelo que decidi escrever um concerto. *Reflets* representa o meu estado de espírito de então. Há, naturalmente, o reflexo da cultura americana, mas também o reflexo da minha cultura do som, da harmonia e de uma orquestração e cores mais francesas.

O concerto está dividido em três andamentos: uma “Danse du Miroir”; um andamento lento intitulado “Réflexions”; e um final bastante rítmico e brilhante, “Scintillement”. A peça começa, não obstante, com uma introdução e cadência — “Overture” — que permite colocar o solista de imediato em evidência.

VINCENT DAVID

Traduções das notas ao programa: Isabel Correia de Castro

Franco Cesarini

SUIÇA, 1961

Sinfonia n.º 3, “Urban Landscapes”, op. 55

A Sinfonia n.º 3, “Urban Landscapes”, é um retrato musical da cidade de Chicago. A obra está dividida em três andamentos, mas o último é combinado com um *scherzo* — pelo que estão representadas as quatro formas tradicionais da sinfonia. Os três andamentos partilham o mesmo material temático, arranjado de modo cíclico, o que fortalece a coesão global da composição. São enquadrados por três aforismos, registados na partitura, que realçam as suas características:

— “The Wrigley Building from Dawn to Noon”

“Linhas fluidas e perfis esguios fundem-se numa apoteose de branco e azul luminescentes.”

— “Blue Silhouette”

“Voa para longe dos subúrbios e descobre o segredo de uma essência indefinível, feita de sombras de uma guarnição branca, azul.”

— “Cloud Gate”

“Reflexos prateados de resplandecentes torres azuis e oníricas nuvens brancas a nadar na luminosidade vaporosa.”

O primeiro andamento é precedido por uma curta introdução lenta em que o tema principal é apresentado numa forma quase onírica, representando metaforicamente a cidade de madrugada, ainda a dormir profundamente. O tempo muda de repente: é a alvorada e a cidade acorda. O primeiro tema, que regressará nos andamentos seguintes, é agora apresentado de forma mais energética. O despertar gradual da cidade pode ser facilmente reconhecido: do sino que anuncia o encerramento das portas do famoso “comboio L” ao som dos automóveis a acelerar; a sirene de um carro-patrolha; o assobio de um polícia e um músico de rua a improvisar uma melodia inconfundível. O segundo tema, numa ágil marcação 5/4, regressará enquanto tema principal no final da sinfonia. Na fase final do primeiro andamento, a textura torna-se mais densa até atingir o seu clímax: o sol do meio-dia faz com que as paredes brancas do Edifício Wrigley brilhem, criando um reflexo cintilante.

Enquanto o primeiro andamento representa o dia, o segundo introduz um ambiente nocturno. A peça central da sinfonia inclui tanto um andamento lento, como um *scherzo*. No princípio, uma melodia melancólica tocada pelo corne inglês serpenteia pelas cordas suaves. Depois, o tempo é retomado: ouvem-se melodias distantes de clubes de jazz. O tema principal desliza languidamente entre ritmos sincopados.

O terceiro andamento começa com fanfarras poderosas que recuperam o segundo tema do andamento inicial. Aqui, os papéis dos dois temas são revertidos e um ocupa o espaço do outro, numa espécie de jogo de espelhos. Reflexos que são destinados a representar musicalmente a escultura “Cloud Gate”, localizada no Millenium Park, no centro da cidade de Chicago. As altíssimas torres estão reflectidas e distorcidas na superfície prateada da escultura, jocosamente apelidada de “O Feijão” pelos habitantes.

FRANCO CESARINI

José Rafael Pascual Vilaplana direção musical

Natural de Muro, Alicante, José Rafael Pascual Vilaplana foi aluno de direção de Jan Cober, Eugene Corporon, Karl Österreicher, Hans Graf e Yuji Yuhasa. Foi maestro convidado em inúmeras formações sinfónicas na Argentina, Alemanha, Bélgica, Colômbia, Cuba, Eslovénia, Espanha, Holanda, Inglaterra, Itália, Portugal, Roménia, Suíça e Estados Unidos da América; dirigiu, entre outras, a Banda Nacional de Cuba, Jungend Blessorchester da Baviera, SAF Band de Ljubljana, Banda Nacional Juvenil da Holanda, Banda Sinfónica Portuguesa, Banda Municipal de Buenos Aires, Banda Nacional Juvenil da Colômbia, WASBE Youth Wind Orchestra, Bandas Municipais de Corunha, Alicante, Barcelona, Bilbao, Castellón, Madrid, Pontevedra, Tenerife, Santander, Santiago de Compostela e Vitoria, Banda MUSIKENE, Banda e Orquestra Sinfónica do CONSMUPA, Orquestras Sinfónicas de Matanzas, Múrcia, Vallés e Castellón, Orquestra de Câmara Musicae, Filarmónica de Grã-Canária, Sinfónica de Castela e Leão e Sinfónica de Albacete (maestro principal entre 2001 e 2013). É maestro titular das Bandas Municipais de Bilbao e de Barcelona e da O.V. “Filharmonia”, sendo ainda maestro principal convidado da Orquestra Sinfónica da UCAM de Múrcia e da Banda Sinfónica Portuguesa (Porto).

É professor de Direção da ECM “Vall d’Albaida” e professor convidado do ISEB (Itália). Desde 2009, é director artístico dos cursos do Istituto Musicale G.A. Fano de Spilimbergo (Itália).

Compôs diversas obras de câmara, sinfónicas, corais e música de cena para teatro, assim como para o musical *Balansiyá*. Foi-lhe atribuído o galardão “Batuta del Mtro. Tomás Boufartigue”, pela Banda Nacional de Cuba (Havana, 1991). Obteve ainda o 1.º prémio nos Concursos Internacionais de Direção do WMC em Kerkrade (Holanda, 1997) e da EBBA em Birmingham (Inglaterra, 2000). Em 2004, foi galardoado com o Prémio EUTERPE nas categorias de Direção de Banda e Composição de Música para Festa, atribuído pelo FSMCV. Em 2010, recebeu o Prémio Nacional de Música “Ignacio Morales Nieva”, no Festival de Música de Castilla La Mancha.

Vincent David saxofone

Vincent David é um dos saxofonistas-compositores mais destacados do mundo, reconhecido pelo desenvolvimento das capacidades do seu instrumento. Conquistou três primeiros prémios em prestigiados concursos internacionais durante a sua formação académica. É a fonte de muitas criações de grandes compositores — como *Dialogue de l’Ombre Double* de Pierre Boulez, *Troisième Round* de Bruno Mantovani e *Trame XIII* de Martin Matalon. A Academia de Belas-Artes francesa atribuiu-lhe, em 2021, o Grand Prix Artistique da Fundação Simone et Cino Del Duca, pela sua carreira musical.

Como solista, Vincent David tocou com a Orquestra Filarmónica da Radio France, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Orquestra Nacional de Estrasburgo, a Orquestra da Suíça Romanda, o Ensemble intercontemporain, a Tapiola Sinfonietta de Helsínquia, a Filarmónica de Helsínquia, a Sinfónica Nacional de Taiwan, a Filarmónica de Estugarda, a Orquestra MAV

de Budapeste, a Banda Sinfónica Portuguesa, a Banda da Marinha de Washington, a Camerata Aberta de São Paulo, a Musica Assoluta de Hanôver, a Orquestra de Câmara Escocesa, entre muitas outras. Colaborou com compositores como Luciano Berio, Pierre Boulez, Peter Eötvös, Gérard Grisey, Philippe Hurel, Michael Jarrell, Mauro Lanza, Philippe Leroux, Bruno Mantovani, Martin Matalon, Yann Maresz, Marc Monnet, Mathias Pintscher, Yann Robin, Alberto Posadas e Bernardo Lang.

Trabalha com o Ensemble intercontemporain desde 1998, sob a direção de maestros como Pierre Boulez, Jonathan Nott, David Robertson, Peter Eötvös, Suzanna Mälkki, Peter Rundel, Pierre-André Valade, Pascal Rophé, Matthias Pintscher e Bruno Mantovani. Colabora regularmente, como saxofonista, com a Filarmónica da Radio France (direção de Myung-Whun Chung e Vladimir Spivakov) e com a Orquestra da Ópera de Paris (direção de Jeffrey Tate).

Vincent David ganhou o Grand Prix Lycéens de compositores, em 2021, com *Pulse*. Várias das suas obras têm obtido uma grande visibilidade artística, entre as quais *Sillage*, *Pulse*, *Éclats d’échos*, *Échos éclatés*, *Mirages*, *Nuée Ardente* (encomenda do Concurso Internacional Adolphe Sax de Dinant) e *l’éveil de la toupie*. Destacam-se ainda obras para orquestra (como *Esquisses*), os concertos *Reflets*, *Arches*, *Rhizome* e *Linéal*, bem como bastantes quartetos e duos. A sua obra *Artéfact*, encomendada pelo Ensemble intercontemporain, foi estreada neste ano de 2022. Tem diversas partituras publicadas pela Billaudot — editora com a qual trabalha como um dos directores do repertório para saxofone.

A sua actividade passa ainda pela improvisação no âmbito do jazz e da música contemporânea, em cruzamentos com os músicos Pierrick Pedron, Christophe Monniot e Jean-Charles Richard. Daí resultaram algumas gravações para as editoras Vivaldi Universel e Crossover. Fundou o quarteto Fireworks juntamente com Jean-Charles Richard, Stéphane Guillaume e Baptiste Herbin, com quem gravou um disco com peças suas para quarteto de saxofones jazz, em 2014. A sua discografia inclui ainda *Boulez/Berio* e *Troisième Round* de Bruno Mantovani, enquanto solista com o Ensemble TM+ (Aeon); *Crossover*, *French Style* e *Fireworks* (Le chant du roseau); *Flow* (Nomadmusic); *Pulse* (Klarthe); e várias gravações de cariz pedagógico.

Vincent David realiza masterclasses em todo o mundo. É um pedagogo internacionalmente reconhecido e partilha enormemente a sua experiência, paixão e motivação com que vive a música. Durante largos anos, foi um grande impulsionador da classe de saxofone de nível superior, no Conservatório de Versalhes. Desde 2019, é professor do Conservatório Real de Bruxelas.

Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação no dia 1 Janeiro de 2005, no Rivoli — Teatro Municipal do Porto. Ao longo dos anos, tem vindo a apresentar-se nas mais importantes salas de espectáculos do nosso país, colaborando regularmente com a Fundação Casa da Música (onde é agrupamento associado), a Portolazer, a Ágora, a Fundação de Serralves, o Coliseu do Porto e vários municípios. Destaca-se a realização de concertos na vizinha Espanha — no Teatro Monumental de Madrid (RTVE) e nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria e Lleganés, além de participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces.

O seu repertório para formação sinfónica estende-se desde aos arranjos mais clássicos às obras originais e a muitas estreias de compositores contemporâneos como Luís Tinoco, Sérgio Azevedo, Carlos Azevedo, Luís Carvalho, António Victorino d'Almeida, Fernando Lapa, Daniel Moreira, entre muitos outros. De realçar ainda o trabalho camerístico de vários dos seus grupos e ensembles.

A BSP possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, entre os quais Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Marco Pereira, Jean-Yves Fourmeau, Nuno Pinto, Vicente Alberola, Pierre Dutot, Vincent David, Horácio Ferreira, Rubén Simeó, Raúl da Costa, Vasco Dantas e vários músicos da própria orquestra. Algumas apresentações contaram ainda com a participação de coros e de grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage, European Tuba Trio, entre outros.

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Douglas Bostock, Baldur Brönnimann, Alex Schillings, Marcel van Bree, Rafa Agulló, Dario Sotelo, Henrie Adams, Eugene Corporon e Andrea Loss dirigiram a BSP com enorme sucesso, tendo-a considerado um projecto extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. Aliás, a BSP tem vindo a receber até ao momento as melhores críticas, não só do público geral, como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, Luís Carvalho e André Granjo, entre outros, dirigiram também esta orquestra.

Gravou diversos CD, muitos deles para editora holandesa Moleenaar. Promove masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como os Cursos de Direcção (contando já 29 edições) orientados pelos prestigiados maestros Marcel van Bree, Jan Cober (Holanda), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha), Eugene Corporon (EUA) e Baldur Brönnimann (Suíça).

Em 2017, deu início ao Festival BSP Júnior, que se realiza anualmente no Verão e reúne centenas de jovens promissores instrumentistas. Em 2014, realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, com cinco concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaying. Em 2017, na qualidade de orquestra de referência no panorama internacional, participou no 18.º Festival do World Music Contest (Kerkrade) e na 17.ª Conferência

Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles (Utrecht). Em Novembro de 2019, realizou uma digressão às Canárias, actuando em Tenerife e na Grã-Canária.

A BSP obteve o 1.º prémio no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia (1.ª secção, Catalunha, 2008) e o 1.º prémio na categoria superior (Concert Division) do World Music Contest em Kerkrade (Holanda, 2011) — com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições deste concurso, considerado o “campeonato do mundo de bandas”.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma associação cultural sem fins lucrativos, apoiada pela Direcção-Geral das Artes. A direcção artística está a cargo do maestro Francisco Ferreira.

Flauta

Beatriz Ribeiro
Daniela Anjo
David Leão (piccolo)

Oboé

Juliana Félix
Beatriz Barros
Ana Sofia Maia (corne inglês)

Fagote

Carlos Soares
Maria João Ferreira

Clarinete

Tiago Bento
Nuno Sousa
Sara Costa
Catarina Pereira
João Ramos
Luísa Marques
Rui Lopes
Alexandre Abreu
Pedro Ramos
Bruno Silva
Hélder Tavares
Rui Soares
Filipe Pereira (requinta)
Daniel Amaro (baixo)

Saxofone

Gilberto Bernardes (alto)
José Pedro Gonçalves (soprano/alto)
Pedro Almeida (alto)
Isabel Anjo (tenor)
Jorge Sousa (tenor)
Marcelo Marques (barítono)
Leonor Dias (barítono)

Trompa

Rui Pires
Samuel Ferreira
Hélder Vales
Nuno Silva
Nelson Silva

Trompete

Telmo Barbosa
Carlos Martinho
Sérgio Pereira
Tiago Peixoto
Manuel Ferreira
Ricardo Barbosa

Trombone

Diogo Andrade
Joaquim Oliveira
Emanuel Rocha
Gonçalo Dias (baixo)

Eufónio

Nuno Costa
Luís Gomes

Tuba

Jorge Fernandes
Xavier Novo

Percussão

Sandro Andrade (tímpanos)
André Dias
Pedro Góis
Jorge Lima
Luís Santiago
Paulo Mota
Tomás Rosa

Contrabaixo

Cláudia Carneiro

Harpa

Erica Versace

Piano

Ana Raquel Cunha